

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

RODAS DE LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR DA SOCIEDADE
MIDIÁTICA

Erika Bezerra Cruz de Macedo¹ (IFRN)

Na sociedade midiática, caracterizada pelas inovações tecnocientíficas e pelo advento de novos códigos e saberes, uma discussão antiga continua a permear os círculos da educação: a ideia que muitas dificuldades de aprendizado relacionam-se a pouca ou nenhuma leitura por parte dos alunos.

Longe de desmistificar tal ideia, mas buscando ir além do lugar-comum, apresentamos uma proposta de formação do sujeito leitor na sociedade midiática. Sabe-se que esse é um desafio, sobretudo, ao se considerar ser mais comum encontrar receptores passivos, conformados com as ideias-espetáculo veiculadas em escala global, do que sujeitos críticos, cidadãos que efetivamente contribuem para a construção de seu próprio conhecimento.

Essa proposta considera as diferenças na estética da recepção do leitor de outrora e do leitor do presente. O leitor do passado, livre das pressões da instantaneidade contemporânea, tinha mais tempo para dedicar-se ao prazer do texto. O leitor do presente, embora disponha de menos tempo para a leitura e conte com diversas formas de entretenimento midiático, lê mais que seus antepassados. Resta saber o que ele lê.

O leitor dos tempos hodiernos é cercado pela interatividade, considerada por teóricos contemporâneos como um dos mais importantes fenômenos de transformação cultural. Esse fenômeno redefine o próprio conceito de cultura, possibilitando a concepção do multiculturalismo.

Compreendida como uma manifestação da linguagem e vice-versa, a cultura é parte integrante da vida social (JAKOBSON, 1972, p.18); logo, envolve todo homem inserido numa sociedade e mantém uma íntima relação com as diversidades linguísticas e os suportes que veiculam a comunicação.

A existência de múltiplas culturas, manifestas em comunidades virtuais, *chats*, *blogs* e outros gêneros digitais, determina uma alteração radical no campo dos estudos culturais e literários. Ademais, a variedade de leitura na sociedade midiática é ampla. Resulta disso a pertinência de uma abordagem sobre leitura que não se detenha nos recursos formais, e sim que acentue as relações que o texto pode estabelecer com o leitor, ressaltando-se a interatividade como um componente essencial à formação do sujeito leitor.

Muito antes de o termo interatividade ser evocado com a acepção que lhe é conferida na era digital, autores como Mikhail Bakhtin, Roman Jakobson e posteriormente, Roland Barthes, Umberto Eco, Wolfgang Iser, entre outros, já eram favoráveis à reciprocidade entre a figura do emissor e do receptor nos sistemas comunicacionais, especialmente naquelas mensagens com teor estético.

Uma das primeiras abordagens a ir contra a unilateralidade da elaboração e interpretação da mensagem foi proposta por Bakhtin (1999) ao formular a sua teoria do

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

dialogismo, segundo a qual faz parte da natureza do texto ser dialógico, pois nele se cruzam polifonicamente o repertório semântico do enunciador e o do receptor, atuando ambos como operadores da mensagem.

Também Umberto Eco (1976) lançou uma perspectiva relevante sobre os processos de recepção e interpretação – a que ele informalmente denominou de mecânica de cooperação interpretativa do texto. Parte de suas premissas originou-se da Teoria da Recepção, que enfatiza a participação do receptor-leitor na situação interpretativa, já que esse é inquirido pelo próprio texto, o qual por sua vez requer movimentos cooperativos e ativos da parte do leitor (ISER, 1979, p.91).

Os fundamentos defendidos por esses importantes teóricos da linguagem e do discurso encontram ressonância na interatividade. Diante disso, um dos desafios a ser enfrentado pelos professores que lecionam Linguagens e Códigos, especialmente Língua Portuguesa e Literatura, é a investigação sobre como os mecanismos de cooperação interpretativa dos discursos apresentam-se na era da informação digital.

As tecnologias digitais afetam estruturalmente a produção dos sentidos devido ao modo como os textos são elaborados e intercambiados. A estrutura do texto veiculado na rede permite ao usuário leitor acessar vários tipos de textos e até navegar por outros sítios virtuais através de elos eletrônicos, chamados de *hiperlinks*. Estes compõem a interface do **hipertexto** e são responsáveis pela arquitetura eletrônica que permite ao leitor decidir como sua leitura deve avançar.

Nessa estrutura hipertextual, definida por Levy (1993, p.33) como um “conjunto de nós ligados por conexões”, a atribuição de sentido ao texto torna-se possível quando o leitor passa a intervir diretamente sobre a própria estrutura de composição da mensagem, sendo permitido a ele determinar sua maneira particular de articulação e combinação dos elementos significantes.

Essa intervenção do leitor faz dele um sujeito efetivo da ação de ler. Ao invés de ser apenas um decodificador da mensagem estruturalmente definida pela combinação de elementos originados de um código comum, o leitor tem agora a possibilidade de configurar um texto plural, mais permeável, híbrido, possível de ser elaborado através de uma combinação contígua de elementos originados de códigos diversos.

Para Arlindo Machado (1993, p.186), o hipertexto “traz dentro de si várias possibilidades de leitura” e precisa de um intérprete que o ajude a funcionar. Sua estrutura está em permanente construção e renegociação, configurando-se como uma imensa superposição de textos, em que se associam e sobrepõem elementos verbais, sonoros e visuais.

Configurada como um universo interativo, lúdico e atraente, a internet promove processos interativos que podem ser largamente explorados por professores na formação do sujeito leitor. Além de propiciar a inclusão digital necessária a novos contextos sociais, a incorporação de tecnologias da informação ao ambiente escolar possibilita que alunos dos mais diversos níveis de ensino usem o computador, a internet e os sítios virtuais como suporte para conteúdos de ensino/aprendizagem, leitura e pesquisa.

Os alunos, por sua vez, mostram-se altamente receptivos às atividades desenvolvidas por meio de sítios virtuais, mesmo portando diferentes hábitos e

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

habilidades de leitura e navegação. Essa receptividade é essencial às práticas pedagógicas que visam a formação de um sujeito leitor.

Essa formação é imprescindível, sobretudo, quando se percebem alguns paradoxos da modernidade. A despeito da gama de textos que circulam no universo midiático e da facilidade de acesso à informação que nossa era testemunha, um desses paradoxos consiste no fato de que, numa sociedade onde proliferam as formas escritas, a leitura está em crise. Lê-se muito, porém lê-se mal, confirmando que quantidade não reflete qualidade.

As inquietações propiciadas por essa paradoxal fusão despertam o interesse em estudar a literatura e o seu ensino, a vontade de saber como ocorre o processo da formação de um leitor e da leitura – a leitura duradoura que deixa marcas, que motiva a realizar outras, que revela sentimentos, desejos, questionamentos e medos, que evoca a troca entre o que o leitor contempla no livro e o que experimenta em vida.

1. A formação do sujeito leitor

O ato de ler envolve processos cognitivos múltiplos, no qual o leitor percebe e reflete o conjunto dos componentes textuais e simbólicos que compõem o texto. Da mesma forma, também corresponde a um ato social, firmado entre leitor e autor que interagem entre si, a partir de objetivos e necessidades socialmente determinadas. Para que ocorra a compreensão de um texto, como cita Kleiman (1989, p. 37), três aspectos são envolvidos: o engajamento do conhecimento prévio, o repertório textual e o acionamento de experiências de mundo.

Dentre tais aspectos, o terceiro é o que mais se destaca na concepção de leitura compreendida como interação. Antes contemplada como decodificação de signos, automática instrumental, sem levar à reflexão nem provocar mudanças, a leitura cada vez mais dá lugar a uma postura pró-ativa.

Para Paulo Freire (2003, p.20), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, ou seja, antes de ser alfabetizado, o indivíduo já tem a capacidade de ler o que está a sua volta, portanto pode associar coisas e objetos do mundo às suas primeiras leituras da palavra. Esta, por sua vez, conecta a linguagem à realidade, envolvendo a leitura da cultura e da prática do trabalho.

Transmutando esse pensamento para o ensino da literatura, chega-se à conclusão de que a leitura da palavra realizada pelos professores não deve significar uma ruptura com a leitura de mundo do aluno; isto é, a leitura do texto artístico realizada em sala de aula não deve desmerecer a voz do leitor em formação, nem mesmo estar desvinculada dos seus interesses e necessidades, mas possibilitar a construção e a mobilização do seu conhecimento.

Ao levar em conta que o sujeito leitor é um ser em construção, o professor compreende a importância de sua ação mediadora num processo longo e complexo. “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive (LAJOLO, 1993,

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

p.7), portanto os diferentes imaginários e as diversas sensibilidades confiados ao leitor em formação por um professor-mediador permitem àquele se posicionar de modo reflexivo diante dos inúmeros códigos e signos que o cercam, tornando-se um sujeito cuja ação transcende o aprendizado de conteúdos linguísticos.

Nesse sentido, a função do educador é criar condições para o leitor realizar suas próprias leituras e sua própria aprendizagem. Martins (2002) salienta que criar condições para o ato de ler é dialogar com o leitor sobre a sua leitura, sobre o sentido que ele atribui aos textos lidos. Desse modo, o leitor assume um papel atuante e não mais de decodificador, realizando uma leitura que vai além do texto e que começa antes do contato com ele. Corroborando a ideia de que a formação do leitor resulta da experiência estética individual e converge com o prazer suscitado pelo texto, a autora declara que o importante não é perguntar “sobre o que um certo texto trata, em que ele consiste, mas sim o que ele **faz**, o que **provoca** em nós” [grifos da autora] (MARTINS, 2002, p.53).

Ao ler um texto partindo do princípio da afetividade, não se pode julgá-lo como sendo bom ou ruim. Resulta disso a importância de uma leitura fundada no que o texto significa para o leitor enquanto sujeito de uma determinada época. Diante disso, é possível concluir que, para realizar um trabalho consistente de leitura em sala de aula, é preciso despir-se de alguns preconceitos que, muitas vezes, norteiam a escolha do docente quanto ao que será lido por seus alunos.

Dentre tais preconceitos estão os relacionados aos critérios de qualidade literária. É comum, por exemplo, considerar-se uma obra de qualidade aquela que, pela poeticidade, estrutura e potencial estético, permanece, vencendo os desafios diacrônicos. Isso leva muitos professores a impor aos seus alunos os textos canônicos cuja qualidade é incontestável segundo tais critérios. Infelizmente, a imposição revela-se, na maioria das vezes, um combustível que alimenta a dinâmica de resistência dos alunos às atividades de leitura.

Retornando à literariedade textual, é importante ressaltar que a transitividade do valor de uma obra literária é bastante discutível. Candido (1976) acredita que cada civilização atribui um julgamento a uma obra. Segundo Iser (1996), esse julgamento reveste-se de valor ao se afirmar que uma obra é boa ou ruim. Juízos de valor são extremamente subjetivos e situacionais. É por isso que Zilberman (2001) afirma que o leitor é um sujeito histórico, que se define pelo contexto social a que pertence e pelas suas competências particulares de leitura. O que importa, portanto, é a maneira como o leitor vê a obra e como ela age em cada sujeito que tem sua vivência e seu conhecimento de mundo particular.

Para Barthes, a grandeza da obra, ou melhor, o “brio do texto [...] seria a sua vontade de fruição” (BARTHES, 1996, p.21), o que excede a procura do leitor e desenvolve a sua imaginação, ou ainda, segundo os preceitos da Estética da Recepção, o que rompe com as expectativas do leitor. Enfim, mais do que ler o livro é preciso vivê-lo, tê-lo como parte da vida, do desenvolvimento, da diversão, do crescimento e do conhecimento.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

“Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular” (CHARTIER, 1999, p.91). Essa singularidade é própria da formação do leitor que desenvolve habilidade com leituras inéditas e formas imprevistas. Por isso, nenhuma leitura pode ser final. As leituras alimentam-se reciprocamente, exigindo do leitor informações sobre a criação do texto, o autor, o contexto histórico, o vocabulário específico.

Estudos que se voltam para o leitor como elemento ativo no processo de comunicação literária devem-se à ampliação dos limites da teoria da literatura, que ultrapassam o texto e o seu autor. Antes desses estudos, dentre os quais se destacam a Estética da Recepção e a Sociologia da Leitura, as histórias da literatura e da arte transmitiam o produto (a obra de arte) já objetivado. Considerava-se o lado produtivo da obra – o lugar da obra de arte em seu tempo, em relação a seus autores e às obras contemporâneas – porém raramente o receptivo e quase nunca o comunicativo. Com isso se perdia o entendimento da experiência literária como uma experiência, sobretudo, estética, não apenas produtiva, mas receptiva, comunicativa e sensorial.

Representante teórico da Estética da Recepção, Jauss (1994) é um dos que defendem que a obra literária é condicionada pela relação entre literatura e leitor. Muito mais do que canônica, a obra de arte é experiencial, ela provoca reações e lança sugestões, levando o leitor a projetar-se para a liberdade estética, produzida pela autonomia e capacidade de julgamento do receptor.

Também a Sociologia da Leitura estuda o público como um agente do processo literário, enfatizando “que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação e, portanto na fama dos textos, mas também em sua produção” (ZILBERMAN, 1989, p.17). Compreende-se, pois, que a Sociologia da Leitura busca mostrar tanto a atuação social do leitor, como mediador ou não de textos, quanto a sua atividade individual frente aos textos lidos.

Nessa sociedade interativa, informacional, carregada das impressões sinestésicas mais diversas, para se transmitir o amor pela leitura, e em particular pela leitura literária, é preciso tê-la vivenciado. Não é a escola, como instituição, que tem despertado o gosto pela leitura, o interesse em aprender, imaginar e descobrir, mas um professor ou um bibliotecário que tem levado a difusão do gosto em uma relação individualizada, por meio de sua paixão e de seu desejo de partilha.

Ao tratar da iniciação literária, Petit (1999) dá ênfase aos sujeitos mediadores. O mediador é um professor, um bibliotecário, um jornalista, um trabalhador ou simplesmente um amigo ou uma pessoa com quem se convive. O seu papel como mediador de livros é resultado não só do processo de iniciar a leitura de alguém, como também de “legitimar um desejo de ler” (PETIT, 1999, p.181).

Se uma criança se interessa pela história contada pelo professor, provavelmente irá procurar outras histórias para ler sozinha. O professor, como um mediador, ajuda o leitor a superar suas dificuldades e a ultrapassar uma etapa, incentivando-o a ler mais e mais textos. Por isso, é importante que os professores interroguem os alunos durante as aulas e que, do mesmo modo, os bibliotecários troquem algumas palavras no momento de devolução do livro, a fim de colher algumas impressões de leitura.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Além do contato essencial com a palavra impressa, o leitor pode ter um encontro muito mais vivo com o livro e reconhecer-se nele após o encontro com um mediador ou após participar de um intercâmbio com outros leitores. Esses contatos, mediações e intercâmbios findam ressaltando a importância socializadora da literatura.

Enfim, como é possível perceber, as concepções teóricas da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura estão intimamente ligadas. De modo geral, o objetivo dessas concepções é refletir sobre o modo específico que os sujeitos têm de se relacionar com a leitura. Na esteira dessa reflexão, surge uma proposta para que a leitura esteja presente em sala de aula não só como instrumento de transmissão de conteúdos linguísticos ou quaisquer outros conteúdos, mas, sobretudo, como forma de dar ao aluno acesso à obra de ficção.

2. As rodas de leitura no processo de formação do leitor

Regina Zilberman, autora de *Leitura em crise na escola* (1991a) e de *A leitura e o ensino da literatura* (1991b), reflete sobre a problemática da leitura e do ensino da literatura. Preocupada com a formação do leitor, ela afirma que, para cumprir seu papel, a escola deve promover atividades sociais e culturais, e não se apresentar como um organismo meramente burocrático. Deve, portanto, utilizar-se da fantasia como um ideal de transformação que ajude o homem a entender sua história e a perceber o mundo ao seu redor.

O papel do ensino da literatura é colaborar na formação do leitor, levando-o a ampliar as fronteiras do seu conhecimento, a adquirir novas vivências e a refletir sobre o seu cotidiano. A partir da leitura, o indivíduo é estimulado a dialogar e a socializar suas experiências, discutindo com outros leitores suas surpresas e decepções, acarretando a possibilidade de que essas atividades de reflexão não se encerrem no final da aula, mas que adquiram o sentido concreto que precisam ter fora da escola.

No tocante ao texto literário, Zilberman (1998) comenta que o professor deve ter duas atitudes em sala de aula: em primeiro lugar, não reduzir a obra de arte a observações consideradas corretas por ele e, em segundo, deve valorizar as múltiplas interpretações pessoais dos alunos que decorrem do próprio ato de leitura.

Partindo dessa premissa, a presente proposta conta com a voz do aluno na seleção e discussão do texto literário. Essa voz pode se fazer ouvir em rodas de leitura, as quais contam com atividades preliminares de pesquisa que investigam o que os alunos lêem, considerando-se a leitura independente do gênero textual e do suporte midiático independente, e por que lêem. A partir da coleta desses dados, formam-se círculos em que se distribuem leitores formados e leitores em formação. O professor atua como um mediador do diálogo entre esses leitores e incentivador do intercâmbio de textos, seja através da formação de comunidades, seja pelo partilhamento de textos, seja pela participação em saraus, em ações culturais e em atividades intra e extraclasse.

As rodas de leitura são atividades informais o suficiente para promover a extroversão do diálogo e formais o bastante para não sucumbirem à desordem. Ao tratar

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

de leitura, promovem conversas em que leitores formados ou em formação discutem textos e, em seguida, ampliam o seu diálogo para a leitura do mundo e de si mesmos. Dessa maneira, lêem o papel, os gestos, os sons, as formas, as imagens e as palavras que os rodeiam e também o que faz parte do cotidiano, como as condições de vida, as alegrias e as tristezas, a realidade e os sonhos, a força e as fraquezas.

Esses colóquios podem acontecer tanto no ambiente da sala de aula quanto nos centros de convivência da comunidade escolar – o parque, o pátio, a praça de alimentação, o laboratórios, o auditório, sala de leitura etc. A aparente informalidade e a diversidade de ambientes atendem às propostas temáticas de cada roda, dão um sabor de novidade a cada encontro, visto que os círculos acontecem num lugar sempre diferente do anterior, e contribuem para criar um clima de descontração que favorece a troca de experiências literárias.

Segundo Bloom (2001), quem lê o faz em busca de prazer e devido à satisfação de interesses pessoais. A fórmula da leitura, então, é “encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser usado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa e que seja livre da tirania do tempo” (BLOOM, 2001, p.18). Tal fórmula é individual. A despeito disso, nada impede que seja partilhada. A partilha é um dos elementos essenciais de uma sociedade interativa e multivocal. Nesse sentido, a interlocução das vozes de um leitor formado com a de um leitor em formação permite refletir acerca das possibilidades de leitura que um texto, independente do gênero, oferece e sobre o modo como cada leitor recebe esses conteúdos, a fim de identificar as variáveis que o leva a apreciar ou a rejeitar a obra.

Uma vez que a troca está no cerne da leitura e da produção de textos, que envolvem a interação leitor-autor, é natural pensá-la também como relevante na difusão de atos de leitura. A troca, a interatividade, o dialogismo, a conectividade, o diálogo, o *sharing*, não importa o nome que receba nem o meio em que aconteça, é uma atividade dinâmica, que embora antiga como o escambo e a formação social, permanece moderna e capaz de acompanhar o ritmo de textos e hipertextos, provocando experiências transformadoras de ampliação de horizontes e contribuindo para a formação do leitor enquanto sujeito de sua prática de leitura.

Essas experiências provavelmente não levarão à resolução absoluta dos problemas da crise de leitura, nem impedirão que a falta ou deficiência de leitura continuem sendo apontadas como um dos grandes problemas da educação. Infelizmente, não há receitas mágicas para democratizar a leitura nem formar sujeitos e cidadãos. Ainda assim, tais experiências são transformadoras à medida que seduzem muitos para a prática da leitura e que propiciam ao docente uma constante reflexão da sua didática.

Pensar, pois, a questão da formação do leitor na sociedade midiática não significa somente constatar uma crise de leitura. Envolve um ponto-de-vista perante o significado do ato de ler na formação de sujeitos e na construção da cidadania. Envolve uma interrogação cotidiana sobre a responsabilidade e o exercício da profissão de mestre. Envolve uma decisão profissional, uma exigência social e uma determinação pessoal para realizar o trabalho paciente de mediador de infinitas leituras.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- _____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: 34, 1996. v.1
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- JAUSS, Hans-Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 1989.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993
- LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro:34,1993.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. São Paulo: Edusp, 1993.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- PETIT, Michèle. **Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. (Org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991a.
- _____. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991b.
- _____. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1998.
- _____. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ⁱ (Mestre em Estudos da Linguagem – IFRN, Brasil)
erika.macedo@ifrn.edu.br